

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Volta de São Paulo Class.: 11

Data: 04/12/82 Pg.: 190

Engenho e Arte

Caçadores de cabeças e pacifistas

ROGÉRIO C. CERQUEIRA LEITE

Quando, em 1958, visitei pela primeira vez a aldeia Cururu, situada nas vizinhanças da fronteira entre os Estados do Amazonas e do Mato Grosso, fui exposto a uma sensação que subitamente me fez perceber toda a complexidade do paradoxo cultura-herança. Havíamos aterrissado em um sábado, à tarde, e os missionários franciscanos alemães me avisaram que, na manhã seguinte, os mundurucus de aldeias vizinhas, até 20 ou 30 km, viriam para assistir à missa. Pediram-me para não sair da missão naquele domingo.

Encontrei tanta simpatia entre os mundurucus da aldeia que no domingo, ainda de madrugada, me aventurei até uma magnífica enseada no rio que bordejava a cidade. Ali viviam alguns botos e meu fascínio por aqueles estranhos animais me fez perder a noção do tempo. Inesperadamente, divisei duas canoas descendo o rio. Na curva, ambas desapareceram e apenas uma ressurgiu. Um guerreiro erecto na proa e dois outros de joelhos flexionados segurando suas lanças encostadas no corpo. Havia, ainda, um menino de 10 ou 12 anos, talvez. As mulheres e crianças haviam ficado na curva do rio.

Quando passaram por mim, imóveis em sua canoa e a uma distância de 20 metros apenas, pude ver-lhes as faces e assustei-me. Eram, naquele momento, os "caçadores-de-cabeça" implacáveis da mata brasileira e estava expresso em suas feições, principalmente em seus olhos, o seu potencial assassino. Eram integralmente caçadores-de-cabeça. Apressei-me a retornar à sede da missão e lá não havia selvagens. Mais tarde, consegui reconhecer os três adultos e o adolescente da canoa. Eram idênticos, em tudo, aos demais. O "caçador-de-cabeças" em cada um deles havia se ocultado. O mundurucu de fora não se distinguia do mundurucu da aldeia.

Naquele dia, as moças solteiras caçadoras me assediaram, pelo menos 50 delas, entre 10 e 12 anos de idade, enquanto os jovens riam das minhas dificuldades. Voltei ao Cururu muitas vezes nas duas décadas seguintes e sempre senti a mesma ambivalência. Brincando com as crianças, ou trocando caixas de fósforo por papagaios, nunca deixou de estar presente o pequeno e violento selvagem cuja língua tem um único vocábulo para inimigo e forasteiro.

Se não é mundurucu é inimigo, impõe a semântica própria dessa nação. Nos seus relatos de guerra, jamais se menciona uma razão. E, se interrogados sobre possíveis provocações dos inimigos, se surpreendem. A simples existência de uma outra tribo é uma razão para a guerra.

Assim, os mundurucus atacam periodicamente todas as tribos vizinhas, e aniquilam os forasteiros inadvertidos, enaltecendo os guerreiros bem-sucedidos que trazem de volta o cobiçado troféu, após ter devorado as entranhas de seu portador original. Os heróis ostentam, então, em suas cabanas as cabeças defu-

madadas após o longo e primitivo tratamento químico a que são submetidas.

Esse comportamento belicoso extremo é aparentemente adverso para o processo evolutivo. Como poderia essa violência aumentar a probabilidade de sobrevivência e de procriação dos mundurucus, como indivíduos e como grupo?

Não resta dúvida de que a disponibilidade de recursos, principalmente de alimentos, tem um papel preponderante nas disputas entre bandos de primatas migrantes de quase todas as espécies. Mas a ocorrência de mortes, a despeito do grande estardalhaço que frequentemente acompanha esses acontecimentos, é rara e antes acidental. O mesmo macaco Rhesus que, adotando um estilo de vida rural e nômade, raramente se envolve em um confronto com outro membro da tribo por causa de alimento, quando adota uma vida sedentária, em locais sagrados na Índia, torna-se agressivo, lutando ferozmente pela comida que agora encontra de forma concentrada.

Da mesma maneira, o mundurucu, dependendo da caça e da coleta de frutas silvestres, desenvolveu esse comportamento extremo por causa de seu inequívoco valor de sobrevivência. Sua ferocidade mantinha as demais tribos a distâncias convenientes, reservando um espaço adequado às suas necessidades. Na econometria da sobrevivência, como diria o Joelmir, é um bom negócio para o banco genético dos mundurucus sacrificar periodicamente alguns esportistas caçadores-de-cabeça em troca da manutenção de um espaço supridor de alimentos de dimensões convenientes. Condições geomorfológicas distintas gerariam comportamentos também distintos, não resta dúvida. Entretanto, não há pacifistas senão onde a comida abundante é assegurada por mecanismos tradicionais.

Culturalistas fanáticos argumentariam que também o ritualismo guerreiro dos mundurucus é adquirido, tanto quanto o hábito de mascar chiclete dos adolescentes de Ipanema. O ritual certamente. Mas aquela violência lógica e inelutável que vislumbrei por um momento nos olhos dos três guerreiros e do menino, transfigurados momentaneamente em caçadores-de-cabeça, não pode ter sido aprendida.

É mesmo possível que o mesmo substrato genético que determina o comportamento aguerrido dos mundurucus prevaleça entre os homens em geral, embora também seja aceitável a hipótese de que essa particular conduta advinha de uma parcela de carga genética específica dos mundurucus. A violência fria do caçador-de-cabeça das selvas brasileiras não difere fundamentalmente da agressividade sistêmica da "Gestapo hitlerista". A componente hereditária que atua sobre o comportamento permanece sempre a mesma, a menos que o processo biológico a altere. O comportamento é entretanto continuamente modificado pelo aprendizado. O animal mantém, todavia, a totalidade de sua herança e, portanto, a mesma potencialidade latente. Dentro de cada um de nós há, talvez, um caçador-de-cabeça.